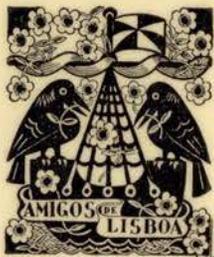


OLISIPO

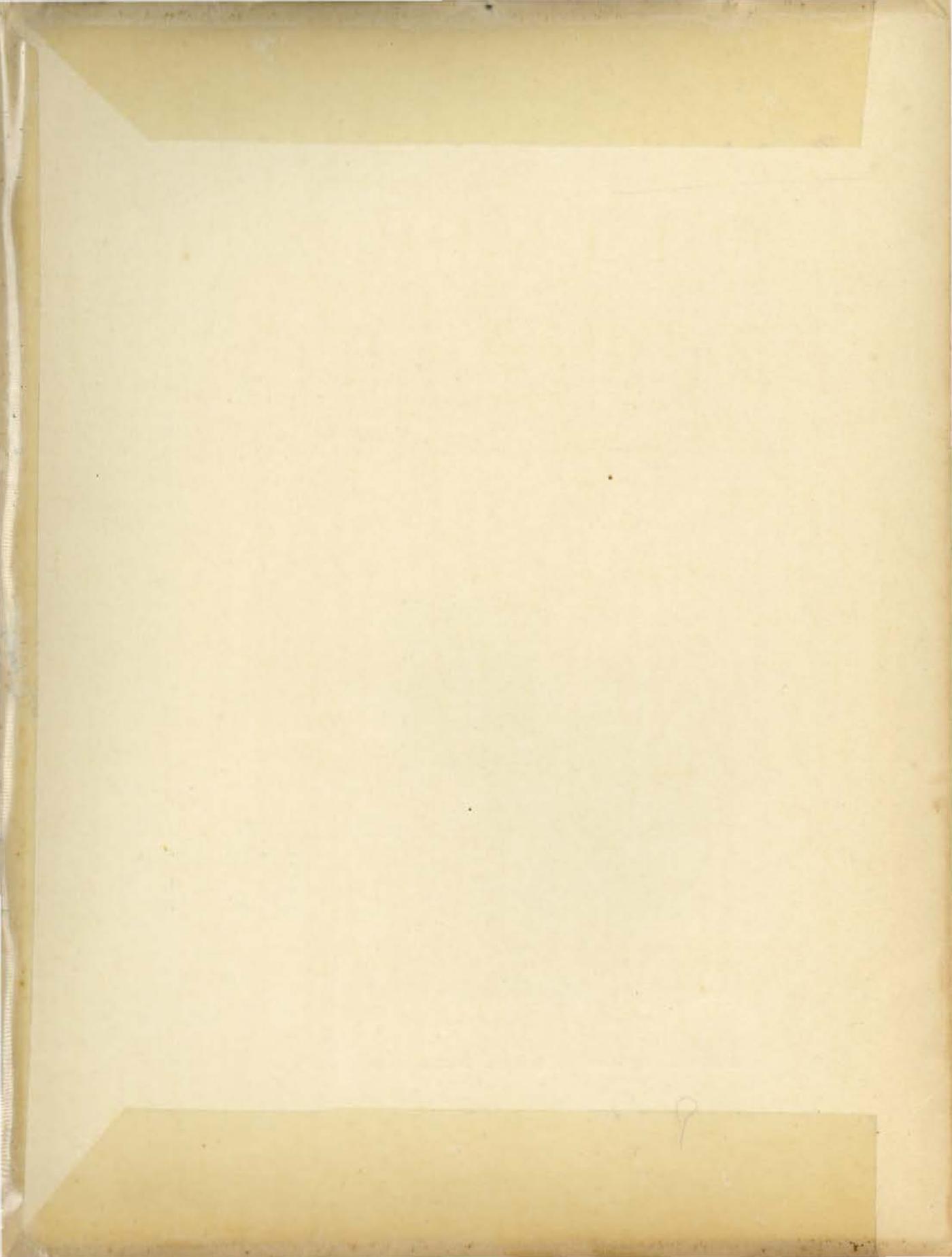
BOLETIM DO GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»



ANO III

N.º 9

JANEIRO - 1940



Oferta

5. JUL 2016

JANEIRO DE 1940

N.º 9

O L I S I P O

BOLETIM DO GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»

DIRECTOR: GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA, VICE-PRESIDENTE DA DIRECÇÃO

EDITOR: DR. EDUARDO NEVES, DIRECTOR-TESOUREIRO

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DO GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»

SEDE: RUA GARRETT, 62, 2.º — TELEFONE 2 5711

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA LIBANIO DA SILVA — TRAVESSA DO FALA-SÓ, 24 — LISBOA

SUMÁRIO

■ O CAMPO DE SANTA CLARA

por *Sidónio Miguel*

■ NOTÍCIAS E REGISTOS CURIOSOS EXTRAÍDOS DOS LIVROS PAROQUIAIS DA FREGUESIA DA SÉ

por *Luiz Pastor de Macedo*

■ ACÇÃO CULTURAL DO GRUPO

■ BIBLIOTECA — LIVROS OFERECIDOS



Todos os artigos são da exclusiva responsabilidade dos seus autores
ESTE BOLETIM É ENVIADO GRATUITAMENTE A TODOS OS SÓCIOS

Olinda

ANEXO Nº 100

OLINDA

BOLETIM DO GRUPO AARIOS DE LINDA

INSTITUTO DE ESTUDOS DE LINGUAGEM E LINGUÍSTICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E LINGUÍSTICA
CAMPUS DE OLINDA - TRAVESSA 1311

EDITADO E IMPRESSO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO - OLINDA

REVISTA

DE GRADUADOS EM LINGUAGEM E LINGUÍSTICA

EDITORA RESPONSÁVEL: MARIA APARECIDA DE LIMA
EDITORA RESPONSÁVEL EM FUNÇÃO DE SEU

CONDOMÍNIO DE LINDA

DE GRADUADOS EM LINGUAGEM E LINGUÍSTICA

DE GRADUADOS EM LINGUAGEM E LINGUÍSTICA



ISSN 0100-0000

ao olfacto, ao paladar, no dia em que pelo homem não fôr povoado?
 ¿O sol terá brilho? ¿A pedra a dureza? ¿O vento o assobio? ¿A
 flôr o perfume? ¿O fruto o sabor? ¿A inutilidade não matará tudo?
 Os sítios, assim consubstanciados connosco, são para a nossa memória
 que guarda e acumula, reproduz e tranfigura, aliada a uma sensibilidade
 que não é mórbida, a uma imaginação que não é perigosa, o resíduo
 permanente duma acção em que tivemos, temos e teremos lugar, man-
 tido e aquecido em carinhosa temperatura de affectos pelo fôgo perpétuo
 das almas que o destino ordena. As gerações seguram-se umas às
 outras pela nossa memória e pela vista dos lugares no correr do
 tempo igual.

Quando os lugares nada dizem, quando a memória se nos oblitera,
 o laço das gerações está quebrado.

¿E contam os sítios a sua história?

Sim, àqueles que sabem escutar a vida nas cousas que o vulgo
 chama inanimadas. Por sinal as conversas com as cousas constituem os
 muitos por cento de tôdas as obras da literatura e da arte. Há os que
 falam alto no Cabo das Tormentas com Adamastor e os que segredam
 baixinho com cada canto da sua casa ou com o vento dos sobreiros,
 como aquela Assunção da *Triste Viuvinha*, de D. João da Câmara.
 ¿Lembram-se V. Ex^{as}?

Lisboa, infelizmente, fala pouco do seu passado, vista com olhos
 desprevenidos.

Quási pode dizer-se que cada templo seu, cada casa, cada rua,
 parecem apostados a desmentir a antigüidade que as histórias lhes
 atribuem e a negar o atestado de autoridade que queremos dar-lhes
 para nos contarem e jurarem o muito que viram e ouviram.

¿Que nos dizem, com efeito, de quanto viram e ouviram aquele
 sítio de hoje dos Loios, que Herculano surpreendeu e fixou no *Monge
 de Cister*? ¿Aquele Campo Pequeno de Alvalade do encontro das
 hostes dum pai e dum filho, congraçados pela Rainha Santa? ¿Aquele
 avenida que cortou o convento da Esperança da rainha que ali se
 acolheu há quási três séculos, em período confuso das histórias pala-
 cianas, cúmplice ou vítima duma intriga que a passou do leito dum
 irmão para o doutro?

¿Que tem faltado a Lisboa para nos falar do seu passado?

Faltou-lhe sempre a perseverança dos seus templos, das suas tórres, dos seus palácios, das suas casas. O desleixo, a ignorância e a maldade petulante dos homens feriram-na sempre. Raro lhe deixaram criar a marca do antigo, do vetusto, que é lingua, lição, simpatia do passado.

Cada século de Lisboa buscou sempre apagar a obra dos anteriores. Demoliu. Reconstruiu deturpando. No século actual a deturpação e a demolição continuam.

E também os terremotos têm ferido muito a nossa Lisboa.

Têm-na sacudido e deixado as ruínas ao pasto das chamas. Terremotos disse e não terremoto, porque o de 1755 não foi o único. Já antes de Cristo a nossa Lisboa, então reduzida ao ninho do Castelo ou a pouco mais, sofrera muito dos abalos dos anos de 377 e 370. Depois, lembram os autores os terremotos de 1009, 1117, 1146, 1290, 1344, 1356, 1531, 1551, 1575, etc.

Por tudo isto Lisboa, que viu tanta cousa, nos fala pouco aos olhos desprevenidos com a linguagem sugestiva das pedras que o tempo mostra e que o tempo respeitou. Estão perdidas com as do casario do século actual, do século passado e do anterior tantas pedras, que num arco românico ou ogival poderiam falar-nos do rei Conquistador ou do Lavrador! Jazem sob as lamas do Tejo tantas outras, que em arcos abatidos, decorados de cordas, estrêlas e cruces de Cristo, nos fariam da Casa da Índia ou da Ribeira das Naus!

A história deste sítio deve ter começado naturalmente muito antes da monarquia, mas creio que nada sabemos dela que possamos separar da própria Lisboa.

De antiguidades romanas, conta-nos Julio de Castilho, por assim o haver lido em Luiz Marinho de Azevedo, que ali, onde está o pátio da Cova, sucessor do palácio do mesmo nome, se encontraram em tempo velho abóbadas de argamassa e dentro delas urnas de vidro, outras de chumbo, cheias de carvões e cinzas. Parece que também então ali encontraram um grupo de bronze, baptisado de Castor e Pollux. Como é natural, tôdas estas cousas levaram sumiço.

Depois, por muitos séculos, em que lá fóra o mundo levou grandes voltas, aqui tudo esqueceu. E dizem autores que na primeira metade do século XII, nos anos que precederam a conquista cristã, não havia por

aqui edificio digno de menção. Era um arrabalde, deserto ou quasi deserto, da Lisboa mourisca, cujas muralhas ficavam relativamente longe daqui.

Mas não tão longe que deixassem de ver-se dum ou doutro ponto, onde algum curioso aqui se encarrapitasse, e nalgum lanço mais ou menos saliente de tôda a cortina negra que descia do Castelo a Santa Luzia, à Adiça, à tôrre de Alfama, que ainda lá está no Largo de S. Rafael. Não precisamos, aliaz, de grande esforço de imaginação para ver ou adivinhar tôda essa muralha. Basta-nos supô-la lá e varrer da vista êste casario de S. Vicente, Santa Marinha, Santo Estêvão, Salvador e S. Miguel.

Arrabalde deserto ou quasi deserto, como baldio nos aparece citado nos documentos dêsse século e dos seguintes todo o terreno desta encosta descida das bandas de Almofala (onde é hoje a Graça) até às águas do Tejo, solitárias e amplas então como hoje.

Pelos tempos que antecederam a definitiva conquista cristã isto por aqui não esteve já em sossêgo. Mouros e cristãos disputavam Lisboa. Pelo menos Afonso VI de Leão, o sogro do conde D. Henrique, chegou a tomá-la. Mas por pouco tempo. Os mouros retomaram-na e guardaram-na sem perigo de maior até que o primeiro rei português, já então reconhecido pelo primo de Leão, estendeu as suas conquistas até ao Tejo, ajudado pelo novo aparecimento dos cruzados em 1147.

Sentiram pois êstes sítios o pêso das armaduras dos que vinham da Alemanha ou da Flandres e aqui procuravam os primeiros combates com o inimigo da fé cristã. Alinharam por aqui as suas tendas os alemães e os flamengos que, por caminhos antecessores dos que hoje levam à Graça, se ligavam em Almofala com os barões portugueses.

Poupo a V. Ex.^{as} a narração do cêrco. A cidade rendeu-se em 25 de Outubro de 1147, data depois celebrada com uma procissão desde a Sé a S. Vicente e que está hoje decretada como de feriado municipal. O rei guardou então a cidade e os cruzados locupletaram-se com o que puderam arrancar aos vencidos. Nem a mulinha do wali de Lisboa escapou à rapacidade dos vencedores.

(Continua)

NOTÍCIAS E REGISTOS CURIOSOS EXTRAÍDOS DOS LIVROS PAROQUIAIS DA FREGUESIA DA SÉ

POR LUIZ PASTOR DE MACEDO

(Continuação do número anterior)

APRESENTAREMOS aqui algumas notícias e alguns registos paroquiais que nos pareceram curiosos, todos êles extraídos dos citados livros da freguesia da Sé, aos quais, quando julgarmos conveniente ou quando o pudermos fazer, juntaremos notas de esclarecimento.

Alguns dos assuntos agrupámo-los sob estas rubricas :

autos de fé
navegação
peste de 1599
assassinatos, suicídios e desastres
arcebispos e
família real.

Os que não têm classificação especial são dados já a seguir por ordem cronológica.

* * *

Notícias e registos vários :

«Aos 8 dias deste Outubro de 1588 mandou Sua Mag.^{de} enforquar e esquartejar (por ser culpado na Rebelião de dom Antonio prior q̄ foi do Crato) a Manoel Duarte mercador mui grave m.^{or} nesta freg.^a e a segunda feira q̄ forão onze do dito mes, ouverão seus parentes L.^{ca} p.^a tirarem os quartos e cabeça donde estavão, e todos os padres desta See, e algũas freg.^{as} da cidade o levamos a enterrar ao Carmo». (1)

Nota — Como se sabe, D. António, prior do Crato, logo após o falecimento do cardeal-rei, começou a desenvolver os trabalhos já iniciados anteriormente para o guindarem ao trono português. E assim desde a sua aclamação como defensor do reino, feita em Junho de 1580 na cidade de Santarém, de onde veio para Lisboa que dominou e que teve de deixar seguidamente à derrota de Alcântara refugiando-se depois em França, até à sua volta, em 1589, com uma esquadra de barcos inglêses, comandada por Francisco Drake, que por fim teve de retirar, nunca as autoridades deixaram de procurar descobrir os adeptos de D. António e de os vigiar, de os prender ou de os mandar enforcar conforme melhor lhes parecesse. (2)

O mercador Manuel Duarte, como já vimos, foi um dos que caiu nas mãos da justiça de Castela, pelo que teve de sofrer o castigo que ela julgou ser o que estava em relação com a sua culpa. Mas se da fôrca não puderam os seus patrícios livrá-lo, puderam êles ainda prestar-lhe as últimas honras como portugueses que desejavam também a independência da sua Pátria; e lá foram todos os padres da Sé e

(1) *Registos da Freg.^a da Sé*, Edgar Prestage e Pedro de Azevedo, Vol. II, pág. 44.

(2) Veja-se *História de Portugal*, de Rebelo da Silva, Vol. II, pág. 392 e seg.; *Relação* transcrita por J. Ribeiro Guimarães em *Sumário de Vária História*, Vol. III, pág. 122 e seg.; e *História de Portugal*, de Fortunato de Almeida, Vol. IV, pág. 13 e seg.

algumas irmandades das igrejas da cidade acompanhar os seus restos ao convento do Carmo onde ficaram sepultados.

* * *

«O derradr.º deste mes [Julho de 1591] levarão a enforçar por crimen laesae maiestatis a Bento anriquez m.ºr desta freg.ª da See». (¹)

Nota — Deve ainda dizer respeito à punição dos partidários do prior do Crato.

Quando em Maio de 1589 D. António e os seus aliados ingleses desembarcaram em Peniche, figurava no primeiro plano da sua acção, a tomada da capital. Aos seus subúrbios — a Alvalade (Campo Grande) — chegaram de facto em 1 de Junho daquele ano, que foi dia de Corpo de Deus, e daí foram até às portas de Santa Catarina (onde hoje se abre o largo das Duas Igrejas), ocupando em seguida os bairros da Boa Vista e de S. Roque e as terras do Moínho de Vento (onde se estende actualmente a rua de D. Pedro V). Depois de algumas escaramuças, o exército inglês retirou para Cascais, de onde embarcou em 18 do mesmo mês com destino ao seu país.

«De maneira que vendo os ingleses idos, começaram de tirar devassas de todos aqueles que deram mantimentos, ajuda ou favor ao snr. D. António, ou se deitaram com êle, culpando muitos, assim desde Peniche até aqui, como em Cascais, e no termo todo de Lisboa, e nesta cidade, prendendo a torto e a direito, não se revolvendo ministros portuguezes por muito tempo, senão em fazer justiça nos tais, mandando enforcar, açoitar, degredar e tomar as fazendas». (²)

Bento Henriques teria sido um dos que fizeram perder algum tempo aos ministros da justiça, acabando por sofrer a pena última como nos informa o registo transcrito.

Vem a-propósito dar aqui o extrato de *duas notícias paroquiais*, que se referem à chegada do exército inglês ao Campo Grande. Uma

(¹) *Reg. da Freg. da Sé*, Vol. II, pág. 61.

(²) *Sumário de Vária História*, Vol. III, pág. 226.

delas dá-nos bem a ideia do pânico que então se apoderou da população citadina:

«No mes de Julho (aliás Junho) do presente ano [de 1589] não ouve baptizados & (por ?) fugirem todos os moradores desta cidade dos Ingreses q̄ chegarão aos muros desta cidade dia de corpo de deos q̄ foi o pr.º dia do dito mes». (1)

A outra reza assim:

«Neste anno de 589 no 1.º de junho q̄ foy dia de corpus xp̄ en chegarão os ingreses a alvallade e ahy dormirão aquella noite e no dia seguinte entrarão nos arrabaldes da cidade». (2)

* * *

«Aos sete dias deste Setembro de 596 falleceo Lopo soares Dalbergaria, Dayão da capella del Rey Bpo elleito de Portalegre, avia vindo da corte de Madrid.

Declaro q̄ foi dito q̄ era fallecido, mas não falleceo no dia asy ma mas ao outro dia logo q̄ foi ao dia de nosa sãra 8 do mes, e esteve segundo se disse seis dias sem falar deixou a sua livraria (q̄ he muita) aos padres de São Roque. Deixou desamparados a doze gatos, q̄ per sua devação mandava ordinariam.ºe fazer sua panela, e provimento, como pera doze frades» (3).

Nota — D. Lopo Soares de Albergaria foi filho de Diogo Soares de Albergaria, comendador de Borba, tendo sido nomeado bispo de Portalegre depois da renúncia de D. Fr. Amador Arrais, antigo coadjutor do cardeal D. Henrique no arcebispado de Évora e autor dos famosos *Diálogos*, que, por sua vez, tinha sido nomeado pelo mesmo mo

(1) *L.º IV dos mixtos, baptismos*, fl. 28 v., freg.ª da Conceição Nova.

(2) *L.º I dos Mixtos*, fl. 1, freg.ª dos Anjos.

(3) *Reg. da Freg. da Sé*, vol. II, pág. 415.

marca para suceder a André de Noronha. D. Lopo Soares de Albergaria faleceu antes de ser confirmado bispo de Portalegre. (1)

* * *

O registo que se segue deixa-nos intrigado com a qualidade do delito cometido por um tal Simão Quaresma. procurador :

«Aos 30 derradr.º dia deste Abril de 597 na Rua das Canastras falleceo Diogo gil de Cerpa homê velho surdo, casado com Guiomar lopez, foi a São Fr.º fez testamento. Os testamenteiros são Symão Coresma procurador q̄ sta hora preso por hũa pavoisse ou Mininisse, e asy Manoel Machado q̄ antigam.º foi cirg.º». (2)

* * *

«Neste mesmo dia [30 de Março de 1598] veo de S. C.ª (Santa Catarina) a esta See o corpo do vigr.º da Mina q̄ estava de partyda pera lá outra vez cõ dom Christovão de Mello. O qual vigr.º dizem q̄ deixou excomungada toda a Mina e o capitão della». (3)

Nota — Segundo parece, o vigário da Mina, que não apurámos quem fôsse, era daqueles que preferiam quebrar a torcer. D. Cristovão de Melo, que esteve para ser seu companheiro, era o porteiro-mor del-rei e foi freguês da paróquia da Sé. Em 21 de Dezembro de 1594, morrera-lhe uma filha — Inez — que teria uns doze ou treze anos e que foi sepultada em Nossa Senhora da Graça, por vontade de sua mãe, já depois de estar a cova aberta na Sé, junto ao baptistério». (4)

Em 1652 aponta-se ainda na freguesia o *passadiço do Porteiro-mor*. (5)

(1) Veja-se *Corogr. Port.*, do padre Ant.º Carv.º da Costa, vol. II — pág. 372 e *Hist da Igreja em Portugal*, de Fortunato de Almeida, vol. III, parte II, pág. 865

(2) *Reg., etc.*, II, pág. 422.

(3) *Idem*, pág. 82.

(4) *Idem*, *idem*.

(5) *Livro VII dos óbitos*, fl. 78.

* * *

O seguinte registo informa-nos que no fim do século XVI, era capelão da Sé o maior contra-baixo do mundo! . . .

«Neste mesmo dia [19 de Julho de 1598] vindo de nosa sôra da graça trouxemos ha sepultura hũa defuncta a esta See da freg.^a de São Thome diz asima neste mesmo dia foi isto, per ordem de Antonio Milhr.^o capellão desta See e o Maior Contra Baixo q̄ agora ha e se sabe en todo mundo». (1)

* * *

«Aos 25 [de Julho de 1601] deo o Ar ao Doutor L.^{co} mourão homẽ na sua casa freg.^a de Sãotiago». (2)

Nota — Dêste dr. Lourenço Mourão Homem, *que foi um ar que lhe deu*, naquele dia de Julho do primeiro ano do século XVII, sabemos apenas que possuía em Lamego uma quinta denominada *Vila de Rei* onde nos fins de 1596 se começou a construir um convento para cônegos de S. João Evangelista». (3)

* * *

Êste registo agora diz-nos que o conde de Vila Franca, falecido em Outubro de 1601, era um grande jogador de cartas :

«Aos 25 dia de São Crispim [Outubro de 1601] na freg.^a de Santos [faleceu] o conde de Villa franca nas Ilhas grande iugador de cartas». (4)

Nota — Êste conde de Vila Franca era D. Rodrigo da Câmara, 1.^o conde dêste título e 5.^o capitão donatário da Ilha de S. Miguel. (5)

(1) *Reg., etc.*, II, pág. 458.

(2) *Idem*, pág. 461.

(3) *Hist. da Igreja em Portugal*, III — parte I, pág. 427.

(4) *Reg., etc.*, II, pág. 462.

(5) Veja-se *O Conde de Vila Franca e a Inquisição*, de A. Braancamp Freire, pág. 15 a 17 e *Lisboa Antiga*, bairros orientais, de J. de Castilho, VIII, pág. 135 e seg. da 2.^a ed.

* * *

«Aos 28 [de Outubro de 1601] dia de S. Simão a mea noite dantes se queimou a igreja do Hospital del Rey por desastre». (1)

Nota — Era a igreja do hospital mais conhecido pelo nome de *Todos os Santos*.

Na notícia acima deverá ler-se: *antes da meia noite de 28 de Outubro de 1601, dia de S. Simão, etc.* O incêndio teria começado portanto em 27, data que de facto é apontada pelos cronistas do referido hospital, como sendo aquela em que êle se declarou.

Na madrugada de 10 de Agosto de 1750 houve outro grande incêndio neste hospital. (2)

* * *

«Neste dia [28 de Outubro de 1601] pella manhã aparecerão sôbre esta cidade grande multidão de gafanhotos, grandes e vermelhos». (3)

Nota — Em 1639 está registada outra visita de gafanhotos à cidade: «Aos seis dias do mes de Novembro de mil seiscentos e trinta e nove vierão a esta cidade muita quantidade de ganfanhos q̄ impedião a vista do Ceo, durante tres dias». (4)

* * *

«Aos dezoito dias do mes de Novẽbro de mil seis centos e onze annos em esta cidade de Lisboa na salla do S.^{to} officio penitenciarão

(1) *Reg., etc.*, II, pág. 462.

(2) Sôbre êstes incêndios veja-se *Corogr. Port.*, III, pág. 277 e seg. da 2.^a ed.; *Mapa de Port.*, III, págs. 188 e 189 da 2.^a ed.; *Arq. Pitoresco*, IV, págs. 213, 215 e 216; *Sumário de vária história*, de Ribeiro Guimarães, V, pág. 84; *O terremoto de 1.^o de Novembro de 1755*, de Francisco Luiz Pereira de Sousa, III, pág. 583; *Gazeta de Lisboa*, de 15 de Agosto de 1750, etc.

(3) *Reg., etc.*, II, pág. 463.

(4) *Livro VI dos óbitos*, fl. 105 v. — Sê.

os Sñrs Inquisidores e deputados da mesa da S.^{ta} Inquisição aos Padres Domingos Luis Confessor desta See e a Gaspar . . . motta por solicitarẽ molheres In Confectione perante os Sñrs Inquisidores e alguns priores e Curas desta Cidade». (1)

* * *

«Aos dezanove dias do mes de Julho de 1612 eu Fernão Luis cura da See desta cidade de Lisboa nella Bautizei a Maria aqual menina se achou nos monturos de Nossa S.^a do Monte e o S.^{or} Conde de Portalegre Provedor da Misericórdia a quem a levarão pella não Comerem os Cães, a mandou aqui Bautizar, E foi seu padrinho Fr.^{co} daraujo familiar da Casa da Misericórdia e se não soube o nome do pai nẽ da mãi de q̃ fiz este termo». (2)

Nota — Na lista dos provedores da Misericórdia apresentada por Vitor Ribeiro, (3) o conde de Portalegre figura só no ano de 1613, e no de 1612 figura o conde da Atalaia, D. Francisco Manuel. Pelo assento transcrito acima, verifica-se que pelo menos na última metade do segundo ano indicado, já o conde de Portalegre era provedor.

* * *

A notícia que segue, a-propósito das falsas declarações dum italiano condenado à morte, dá-nos um curioso quadro da vida de Lisboa naquela época, originado numa desavença havida entre os dezembargadores eclesiásticos e seculares. Ver-se-á como êles andavam *de candelias às avessas*:

«Aos 14 dias do mes de Janeiro de 614 estando preso no limoeiro hũ João darce Italiano averia quatro annos per fazer papeis e sinais falcos sendo condenado amorte per o D.^{tor} Luis da . . . corregedor da

(1) *L.º V dos baptismos*, fl. 21 v.

(2) *Idem*, fl. 35.

(3) *A Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*, pág. 334.

Corte, Veio com embargos dizendo q̄ fora frade da ordem de São Bernardo e q̄ professara no mosteiro de Matalhana sito na provincia de Castella a velha e fora da Epistola ordenado, pediu precatório monitorio contra o corregedor [...] o D.^{tor} Antonio Correa Vig.^{ro} Geral o mandou passar e foilhe notificado per hū padre a q̄ chamão Domingos tenreiro, o qual precatório foi fundado pello Sumario q̄ se tirou de suas testemunhas Conformes q̄ forão Domingos Gracia Soldado do Castello f.^{co} ronqueiro Cernego (?) Marcello de Brienes ambos tambê soldados e depois forão tambê testemunhas o padre frei Jorge dos Sanctos Geral da ordem de São Bernardo, e a padre frei manôel de macedo presidente do mosteiro da mesma ordem desta Cidade, e não querendo obedecer se passou declaratoria contra elle e outros da R.^{cam} Secular, a q̄ não quizerão obedecer e todavia o tirarão pera o enforçar e a São Jorge se lhe notificou a toda a Justiça e em especial ao Corregedor Jorge de Caseres a declaratoria e a misericordia se recolheo em São Jorge e o Corregedor tornou o padecente a Cadea, aos 14 o dia seguinte o tirarão e se passou Interdicto, deambulatorio e anatema com Crus Cuberta e Candeas as avesas e forão os Cleriguos com miguo diante de toda a Justiça tee a praça de S.^{ta} barbora fazendo as ceremonias e anatematozando a todos sem quererê desistir indo todos os Corregedores e alcaides e escrivaes e Juizes e estando na forca confessou o penitente q̄ não fora frade nê Cleriguo e o enforçarão de q̄ ouve em toda a Cidade m.^{to} grande tumulto e escandalo de não obedecerê as Censuras da Igreja, fernão Luis.

«Asentouse no Conselho de Portugal em Castella q̄ os desembargadores da R.^{cam} Ecclesiastica (1) se absolvessem da ex.^{am} en q̄ encorrerão per não obedecerê aos procedim.^{tos} da R.^{cam} Ecclesiastica.

«E q̄ o Sñr Arcebispo estranhasse aos seus desembargadores o rigor com q̄ procederão contra os desembargadores seculares.

«E q̄ para o futuro em outro caso semelhante se fizesse hūa Junta do q̄ se devia guardar quando acontesse». (2)

(1) Distracção do cura: deve ler-se *Relação secular*.

(2) *L.º V dos óbitos*, fl. 23 e 23 v.

* * *

«Aos Vinte e nove dias do mes de Março de mil seis centos e quatorze annos nesta Cidade na freguesia de São Tiago nas casas do pateo de São Bras faleceo o Sñr Collector de S. S.^{de} Gaspar Palucio Bispo de S.^{to} Angello fez testam.^{to} e deixou per seu herdeiro e testamenteiro o seu Irmão em Roma, foi amortalhado conforme ao Sereomonal, e posto em a Ante Camara com todo o ornato e reverencia q̄ se lhe devia Vestido de todos os paramentos de Bispo, esta enterrado, acompanharãono todas as ordens de frades e toda a cleresia q̄ pode vir e o . . . e dezembargadores da R.^{cam} Ecclesiastica mas sem sobre pelises no couse da cleresia, o Cabido detras da tumba sem sobre pelises esta enterrado em santo Eloio na Capella de Nossa S.^a da Assunção levarãono em hũ andor quatro frades de Santo Eloio». (1)

Nota — *Gaspar Palucio* era Gaspar Pauluci Alberoni, já colector em 1610. (2) O pátio de S. Braz abrir-se-ia no actual miradouro de Santa Luzia, onde ainda existe o edificio da igreja de S. Braz, da ordem de Malta, mais conhecida pela invocação de Santa Luzia.

* * *

Maio ou Junho de 1614:

«Rellação do Infelice estado e caso lastimoso que aconteceu na cidade do Porto de furtarẽ o S.^{mo} Sacramento e Vaso em que estava na See da ditta cidade.

«Tendo o Ill.^{mo} Sñr Arcebispo Dom Miguel de Castro o sentimento q̄ se fazia per este caso na Cidade do Porto e en outras partes, ordenou com o seu R.^{do} Cabido fazer tambem nesta Cidade a demonstração devida, e mandou ajuntar todo o clero e Religioes na Se desta Cidade e se fez hũa solemne prosissão no modo seguinte

(1) *L.º V dos óbitos*, fl. 26 v.

(2) *Hist. de Portugal*, de Luiz Augusto Rebelo da Silva, vol. III, pág. 259 e *Hist. da Igreja em Portugal*, de Fortunato de Almeida, vol. III, parte II, pag. 708.

«S. Ill.^{ma} S. Veio a Sé . . . a tarde e se Vestio em pontifical com paramentos negros com seus ministros na forma do Ceremonial e foi a Capella do S.^{mo} Sacram.^{to} q̄ então estava na de S. Pedro, e tirada a Custodia fora ensensou e logo dous Cantores Comessarão as Ladainhas ordinarias, e chegando a S.^{ta} Maria se levantarão todos e Sua Ill.^{ma} S. tomou a Custodia e foi debaixo de hū paleo negro com Varas negras e o R.^{do} Cabido diante com suas Vestes Consistoriaes da Quaresma com as caudas pella terra e todos os Religiosos e clero diante na forma costumada, e detras do paleo todos os Vereadores, e mais Senado com seos Capuzes e tochas asesças nas mãos e assim forão em prosissão pella padaria e Rua nova tee São Domingos e na Capella do nome de Jesu pos no Altar sua S.^a Ill.^{ma} o S.^{mo} Sacram.^{to} e seçarão com a ladainha e logo se asentarão todos e se fez o Sermão q̄ fez o p.^e frei P.^o Calvo.

«Acabado o Sermão tornarão avir em prosissão a Sé pellas mesmas Ruas e entrando na Capella de São Pedro, pos S. Ill.^{ma} a Custodia no altar e a ensensou e comesarão a Anūa Osacrum . . . e deserão os Versos e sua S. Ill.^{ma} dise a Oração do Sacram.^{to} De Ma S.^a e a terseira Ne despieire omnipotens Deos e tornou a ensensar e se recolheu o S.^{mo} Sacram.^{to} no Sacrario.

«Depois assim vestido foi ao Altar mor e lansou a benção Pontifical e se recolherão todos em paz».

À margem com a mesma letra :

«Chegando o S.^{mo} Sacram.^{to} ao adro da See foi tão grande planto e choro q̄ o povo fez q̄ estava em m.^{ta} quantidade Junto q̄ parecia se abrião os Ceos». (1)

Nota — Cometeu-se o desacato em Maio, na cathedral portuense. Foi arrombada a porta do Sacrário e roubado um vaso de prata que continha partículas, tendo porém os ladrões deixado ficar outros dois vasos que provàvelmente conteriam também partículas e a custódia com

(1) *L. V dos óbitos*, fl. 28 v. e 29.

o Santíssimo Sacramento. Por esta circunstância o bispo do Pôrto, que então era D. Fr. Gonçalo de Moraes, concluiu — segundo o comunicado ao cabido de Braga em carta dêsse 22 de Maio — que o desacato fôra feito por ladrões cristãos «pouco tementes a Deos».

O crime ficou impune. (1)

* * *

«Neste mes de fevereiro de 621 veio recado de como o Papa Paulo quinto hera falecido, em 19 de fevr.º q logo foi eleito o S.º Papa Gregorio decimo quinto Nosso S.ºr com grande aplauso de toda a Congregação dos Ill.ºs Sñrs Cardeaes e de todo o povo.

«Nesta cidade dobrarão os sinos em todas as freguesias.

«O R.º Cabido dise hũa missa cantada de Requien pello Papa defunto.

«E depois fizerão prosissão per dentro da See com o s.º lenho e diserão missa de Graças pello papa novo Eleito Gregorio Decimo quinto com muito grande solemnidade e musica e repicarão todos os sinos». (2)

* * *

«Neste anno [de 1622] e neste mes [de Maio] ouve nesta cidade de Lisboa hũa grande fome q durou mais de hum mes e ouve mais grande falta de trigo governando a Igreja de Deus Gregorio XV, e Arcebispo de Lisboa o Ill.º Sñr. Dom Miguel de Castro e os Sñrs. Governadores o Bispo de Coimbra, Dom Diogo de Castro e Dom Nuno Alz de Portugal». (3)

Nota — A colheita de trigo no ano anterior, dera menos que a terça parte do que era normal colher-se e daí a expectativa de *fome* que amedrontava não só a população de Lisboa como também a de todo o

(1) *Memórias Arqueológico-Históricas da Cidade do Pôrto*, por Mons. J. Augusto Ferreira, vol. II, pág. 209.

(2) *L.º VI dos baptismos*, fl. 7.

(3) *L.º V. dos óbitos*, fl. 95.

pais. Por isso, logo no princípio de 1622, tôdas as comarcas do reino se dirigiram à Câmara Municipal de Lisboa, pedindo algum trigo que se lhes pudesse dispensar, pedidos que a Câmara foi satisfazendo para obstar a que «a gente necessitada, de fora, se venha meter nesta cidade, de que poderá resultar outro maior mal como seria o da peste, de que Deus nos livre, a qual ordinariamente procede da comunicação de muita gente faminta e miserável. . .». E no *terreiro* e nos armazéns, o trigo, que já era pouquíssimo, foi diminuindo assustadoramente.

Para maior mal, invernavam então no Tejo uma armada espanhola e outra francesa, com catorze mil homens ao todo, que necessariamente estavam *fazendo o pão caro*. Decorrido o mês de Maio — que na verdade foi o de maior apêrto — em razão do trigo que do estrangeiro e das ilhas se mandou vir, o mau tempo passou, para, poucos meses andados, em Novembro seguinte, começar-se outra vez a lutar com a falta daquele cereal. (1)

* * *

«Na noite de 5 pera 6 deste mes de Jan.^{ro} furtarão na Igreja de Sancta Engracia o S.^{mo} Sacramento do Sacrario aonde forão hũa Ostia e algũas particulas, foi naquella noite grandissima tormenta; o Sñr. Arcebispo Dom Afonço furtado de mendonça fez hũa novena na See com m.^{ta} solemnidade estando o S.^{mo} Sacramento no Altar mor descuberto com m.^{ta} Sera e solemnidade (?) de musicos, todos os dias ouve pregação. Acabado o Octavario se fez hũa prosição solemne aonde foi o Sñr. Arcebispo, Cabido e toda a Cleresia e todas as Religioens e a Camara detras, e diante todas as danssas fectas no modo em q̄ se faz a prosissão de Corpus, q̄ foi pella padaria (2) e

(1) Consulta da Câmara ao rei feita em 21 de Fevereiro de 1622 e carta régia de 24 de Maio do mesmo ano, em *Elementos para a história do Município de Lisboa*, de Freire de Oliveira, vol. III, pág. 51. Sobre as faltas de trigo que constantemente Lisboa sofreu — e principalmente durante o domínio castelhano — veja-se *O antigo Terreiro do Trigo*, do autor, pág. 21 e seg.

(2) Rua da Padaria, a qual corria, pouco mais ou menos, na mesma direcção que a actual.

pela Ribeira ⁽¹⁾, ao chafaris, ⁽²⁾ porta da cruz, ⁽³⁾ tee S.^{ta} Engracia aonde ouve pregação, depois se fez por todas as Igrejas desta Cidade e per quasi todo o Arcebispado Missa solemne e pregação.

«Aos tres dias do mes de Fevereiro de mil seis centos e trinta levarão a padecer Simão pires solis q̄ morava nesta freguesia na Rua do Conde de Portalegre por indicios notaveis q̄ se acharão ser elle o que furtou o S.^{mo} Sacramento e foi a rastar pera (pela) padaria, e levado ao Campo de S.^{ta} Clara e defronte da Igreja lhe cortarão as mãos e as deitarão em hũa fogueira á sua vista e depois o puserão em hũ pao e o queimarão vivo». ⁽⁴⁾

Nota — Em face do que dizem todos os autores que vimos, a noticia do cura Fernão Luiz que acabamos de transcrever necessita ser rectificada na data em que declara que o caso se deu. O desacato foi cometido na noite de 15 para 16 e não de 5 para 6. Quanto ao nome do condenado uns dizem ser Simão Pires Solis e outros Simão Lopes Solis.

Completando a noticia diremos que, segundo parece, Solis estava inocente e que a razão dele frequentar a altas horas da noite, as proximidades da igreja de Santa Engrácia, provinha do facto de sustentar relações amorosas com uma freira clarista do próximo convento, o que lhe impunha como obrigação tomar todas as cautelas, ente as quais entrapar os cascos do cavallo que montava, para assim não ser sentido. Esta circunstância constituiu um dos principais, senão o principal motivo para o julgarem culpado.

Isto era o que se dizia entre o povo, de boca em boca, assim como depois também se disse que, anos passados, tinham enforcado

⁽¹⁾ Local compreendido actualmente pelas extremidades do lado do nascente das ruas dos Bacalheiros e da Alfândega e pelo Campo das Cebolas.

⁽²⁾ Deve referir se ao Chafariz de El-Rei.

⁽³⁾ Era uma das portas da cêrca fernandina, a qual, segundo parece, se designou também em tempos anteriores ao terceiro quartel do século xvi por *porta velha*. (*L.º 1.º dos Tombos*, n.º de ordem 52/89, fl. 95, arq. da C. M. L.). Foi derrubada quando se abriu a *calçada Nova* (actual rua do Museu de Artilharia), artéria que em 1755 propositadamente se abriu para facilitar o transporte da estátua equestre de D. José I, da Fundação de Cima para o Terreiro do Paço.

⁽⁴⁾ *L.º VII dos baptismos*, fl. 42.

«em Galliza a um moço portuguez que havia em Lisboa servido no convento de Santo Eloi de criado dos frades, e o enforcaram a elle por haver furtado em uma igreja uns castiças de prata, e este confessou e declarou na forca, ter elle sido o que fizera o dito sacrilego furto do Sacramento de Santa Engracia em Lisboa, de cuja declaração e confissão se fez instrumento autentico que veio a Lisboa».

Sôbre êste desacato, condenação do seu suposto autor, e o movimento de desagravo que então se desenrolou e que perdurou na capital através de muitas dezenas de anos, veja-se *Agiolôgio Lusitano*, vol. II, pág. 690, *Ano Histórico*, vol. I, data de 15 de Janeiro, *Mapa de Portugal*, vol. III, pág. 160, da 2.^a ed., *Elementos para a história do Município de Lisboa*, vol. III, pág. 336 e seg. e 549 e vol. IX, pág. 157, *Arquivo Pitoresco*, vol. I, pág. 281 e principalmente *Sumário de Vária História*, de Ribeiro Guimarães, vol. I, pág. 74 e seg., onde se dá na íntegra um curioso documento coevo do successo que é relatado minuciosamente e onde se vê a grande repercussão que o caso teve na massa popular.

Por nossa parte vamos transcrever a instrução e o plano do octavário que então se determinou fazer, documentos que foram arquivados pelo falador e cuidadoso cura da Sé, nos livros paroquiais.

Supomos serem inéditos :

«O Beneficiado fernão Luis dirá da nossa parte aos m.^{to} R.^{dos} Padres Pregadores contheudos no rol q̄ leva com este q̄ recebemos particular merce e consolação em quererem aceitar o trabalho de Pregarem na nossa See metropolitana cada hũ no dia q̄ vai declarado no dito rol. Lisboa 18 de Jan. de 630». (1)

«No q̄ toqa a solemnidade do Octavario he o intento de Sua S.^{ria} Ill.^{ma} q̄ a p.^{ra} acção será mostrarẽ os fieis Christãos q̄ dos danados intentos dos herejes tirão fruto de se applicarem com maior affecto, e Religião a todas as demonstraçois de maior culto, Veneração e solemnidade do Santi.^{mo} Sacram.^{to} renovando a Vitoria e triumpho da morte e paixão de Christo nosso s.^r q̄ se representa no divíniss.^o Sacram.^{to} e a

(1) L.^o VII dos baptismos, fl. 45.

Vitoria da Verdade Catholica em respeito das calumnias e falsidades dos herejes p.^a maior confusão sua. E exortando aos fieis se disponhão a receberẽ o Santiss.^{mo} Sacram.^{to} cõ a preparação devida e a aplacarẽ a ira divina com sertas (?) esmolos e oraçois e outras obras de caridade e piedade Christã». (1)

«Domingo 20 do Presente ha de Pregar na See o m.^{to} R.^{do} P.^e fr. fr.^{co} da Maya. (2)

«2.^a f.^{ra} 21 o m.^{to} R.^{do} P.^e Andre Gomes da Companhia de Jesus. (3)

«3.^a f.^{ra} dia de S. Vicente 22 tem o Sermão da festa o M.^{to} R.^{do} P.^e fr. João de S. Bernardino. (4) haselhe de lembrar q̃ trate algũa cousa da solemnidade do Santiss.^{mo} Sacram.^{to} e do intento deste Octavario.

«4.^a f.^{ra} 23 o m.^{to} R.^{do} P.^e fr. Barteazar Pais da ordem da Santiss.^{ma} trindade». (5)

«5.^a f.^{ra} 24 o m.^{to} R.^{do} P.^e fr. Gregorio baptista do convento de Enxobregas. (6)

«6.^a 25 feira o m.^{to} R.^{do} P.^e fr. fr.^{co} da Silva Provincial do Carmo. (7)

(1) *L.º VII dos baptismos*, fl. 44.

(2) Parece ter sido um dos melhores prègadores do seu tempo. Pelo menos foi muito louvado o sermão por êle prègado nas exéquias do arcebispo D. Afonso Furtado de Mendonça, realizadas em 6 de Julho de 1631. (*Bibl. Lusitana*, Barbosa Machado, vol. II, pág. 166, da 2.^a ed.).

(3) Foi mais tarde nomeado prègador de D. João IV. Era considerado um dos «Príncipes da Oratória Eclesiástica». (*Idem*, I, 146).

(4) Outro grande orador do seu tempo. Foi provincial da ordem seráfica e o primeiro prègador que no dia 8 de Dezembro de 1640 felicitou D. João IV, em nome da Nação, por ter subido ao trono. (*Idem*, II, 561).

(5) Foi «um dos mais insignes expositores da divina Escritura» e prègador régio, nomeado por Filipe III. (*Idem*, I, pág. 446 e *Mapa de Port.*, II, pág. 171, da 2.^a ed.).

(6) Também prègador afamado, publicou alguns dos seus sermões. (*Idem*, vol. II, pág. 377).

(7) «Foy tão grande Prègador, como profundo Theologo», prior do convento do Carmo de Lisboa e provincial da sua ordem. (*Idem*, vol. II, pág. 239).

«Sabado 26 o m.^{to} R.^{do} P.^e fr. João de Vasconcelos Prior do Most.^{ro} de S. D.^{os} de Bemfica. ⁽¹⁾

«Domingo 27 o m.^{to} R.^{do} P.^e fr. Manoel estaço ⁽²⁾ em Santa Engracia». ⁽³⁾

E para terminar esta nota, diremos ainda que a família Solis havia muitos anos que morava na freguesia da Sé. Pelo menos, em 21 de Abril de 1577 é registado nos seus livros paroquiais o falecimento do «doctor solis» que fizera testamento e que deixára «a seu Irmão d.^o Lopes solis por sem testametr.^o». Foi sepultado em Nossa Senhora da Graça. ⁽⁴⁾

* * *

«Aos Vinte e sinquo de Agosto de 632 pos o sñr Collector Interdicto nesta See e em outras da cidade, porq̄ desterrarão fora do Reino pera Badajos ao Conego Alvaro Soares de Castro Conego desta See». ⁽⁵⁾

Nota — O colector era então Lourenço Tramalli, bispo de Garace, com poder de nuncio ⁽⁶⁾ e o interdicto foi imposto por oito dias «fulminando censuras contra os ministros reais». ⁽⁷⁾

O cónego desterrado foi depois conselheiro geral do Santo Officio e eleito bispo da Baía, no Brasil, de que não foi confirmado «pella

⁽¹⁾ Foi filho do regedor das Justiças Manuel de Vasconcelos e também um grande orador, o que lhe valeu ser nomeado prègador régio em tempo de Filipe III. (*Idem*, vol. II, pág. 717).

⁽²⁾ Irmão de Gaspar Estaço, autor das *Várias Antiquidades de Portugal*, foi também prègador de grande celebridade. (*Idem*, vol. III, pág. 248).

Como se vê, a relação dos oradores que haviam de prègar nos vários dias do Octavário de desagravo, era composta por alguns dos melhores nomes da oratória sacra.

⁽³⁾ *L.^o VII dos baptismos*, fl. 45 e 45 v.

⁽⁴⁾ *L.^o II dos mixtos*, fl. 121 v.

⁽⁵⁾ *L.^o VII dos baptismos*, fl. 86 v.

⁽⁶⁾ *Dissertações Cronológicas e Críticas*, por João Pedro Ribeiro, vol. V, pág. 262.

⁽⁷⁾ *Hist. da Igreja em Port.*, vol. III, parte II, pág. 29.

dificuldade que então havia de se conseguir de Roma essa graça». ⁽¹⁾
Desconhecemos a razão porque foi desterrado para Badajoz em 1632.

* * *

«Aos dezanove dias do mes de Agosto de mil seiscentos e trinta e nove annos o Sñr Collector Alexandre Castro Lani pos Interdicto em esta cidade em todas as Igrejas excepto a See della.

«Aos sinquo dias do mes de Setembro de mil seiscentos e trinta e nove levarão o Sñr Collector fora desta Cidade». ⁽²⁾

Nota — Alexandre de Castracani, bispo de Nicastro, colector apostólico de 1635 ⁽³⁾ a 5 de Setembro de 1639, dia em que foi expulso do país, impoz interdicto à cidade de Lisboa por causa da questão da propriedade eclesiástica que havia anos se arrastava. Os pormenores dela estão estampados por Rebelo da Silva na sua *Hist. de Portugal*. ⁽⁴⁾

* * *

«Aos vinte e quatro dias do mes de novembro de 1641 se publicou a Bulla nesta See». ⁽⁵⁾

* * *

«Aos nove dias do mes de Abril de 1642 faleseo o prinsepe negro esta enterado em telheiras». ⁽⁶⁾

⁽¹⁾ *Direito Civil Eclesiástico Brasileiro*, de Cândido Mendes de Almeida, pág. 532 e *Memória Histórica da Prov. da Baía*, de Inácio Accioli, vol. IV, pág. 20.

⁽²⁾ *L. VI dos óbitos*, fl. 105 v.

⁽³⁾ *Hist. da Ig. em Port.*, vol. III, parte II, pág. 709.

⁽⁴⁾ Vol. III, pág. 474 e seg. — Veja-se também *Dedução Cronológica e Analítica*, de José de Seabra da Silva, vol. I, pág. 178 e seg.

⁽⁵⁾ *L.º VIII dos baptismos*, fl. 25 v.

⁽⁶⁾ *L.º VI dos óbitos*, fl. 181 v.

Nota — Êste *Príncipe Negro* era D. João, senhor e príncipe de Candia na ilha de Ceilão e foi o fundador, em 1633, do convento de Nossa Senhora da Porta do Ceu, de religiosos franciscanos, em Telheiras. Sôbre a data do seu falecimento, a inscrição tumular vista no citado convento pelo p.^e Seabra, que sôbre êste edificio publicou um artigo, diz que foi no mês de Março de 1642. ⁽¹⁾

* * *

«neste mesmo dia [7 de Junho de 1642] queimarão hum home orives da prata por moeda falsa e furtar o senal de sua mg.^{de}

neste dia outro seu companheiro ã pello mesmo cazo hia tambem a queimar e o Remeterão ao S.^{to} officio per dizer ã tinha culpas de judeu.

Este mesmo home atras declarado o queimarão pello mesmo cazo no Rosio o qual o fes por (?) o Santo officio o Remeter ao Limoeiro desta Cidade». ⁽²⁾

* * *

«Em dezassete de Agosto de 675 faleceo D. Ant.^o Luis de Menezes Marques de Marialva Capitão geral do Reyno foi a enterrar a Cantanhede faleceo na sua quinta de Marvilla fez testam.^{to} seu f.^o dara rezão do testam.^{to}» ⁽³⁾

Nota — D. António Luiz de Menezes, 1.^o Marquês de Marialva e 3.^o Conde de Cantanhede, foi, como se sabe, um dos que mais se distinguiram no movimento libertador de 1640 e um dos grandes generais da guerra da independência. ⁽⁴⁾

⁽¹⁾ *A Nação*, de 15 de Fevereiro de 1882. — Veja-se também *Corog Port.*, vol. III, pág. 446, *Mapa de Port.*, vol III, pág. 279 e *Arq. Pitoresco*, vol. VI, pág. 299, artigo de I. de Vilhena Barbosa.

⁽²⁾ *L.^o VIII dos bap.*, fl. 29 v. e 30.

⁽³⁾ *L.^o VIII dos óbitos*, fl. 4.

⁽⁴⁾ Veja-se por exemplo *Portugal Restaurado*, do Conde da Ericeira, vol. II, pág. 140 e seg.

* * *

«Nos dous assentos acima (1) declaro q̃ encomendei os ditos defuntos dentro da casa de Santo Antonio porq̃ em treze de Dezembro atras quizerão os ministros da casa capellão e Thesoureiro impedirnos a entrada dizendo q̃ era isenta sendo q̃ de dezasseis annos a esta parte q̃ sirvo de parochio não ouve defunto q̃ fosse a dita casa q̃ eu nella não encomendasse e meos antecessores todos assim o fiserão sem contradicção algũa agora nestes tempos os menistros q̃ servem por idiotas e entenderem mal os seos privilegios q̃ se não podem extender nem devem tender nesta materia contra a jurisdicção ordinaria quizerão alterar este ponto e tirarnos da posse em q̃ estamos mas sem embargo cederão sem duvida algũa fazendo protestos de lhe não... mas deste protesto não podera constar porq̃ não se fes termo nem ouve notario que disso passasse fé algũa e p.^a a todo o tempo constar fiz esta declaração. Lx.^a 3 de Janr.^o de 676. — M.^{oi} Alvz da fon.^{ca} Cura da See de Lx.^a» (2)

(Continua)

(1) Relativos ao falecimento duma D. Maria, moradora na rua dos Cónegos, e de Rodrigo, filho de Luiz Sanches, com data de 2 de Janeiro de 1676.

(2) L.^o VIII dos óbitos, fl. 8 e 8 v.

A Cêrca Moura de Lisboa

2.^a EDIÇÃO

por AUGUSTO VIEIRA DA SILVA

um trabalho indispensável em tôdas as
bibliotecas olisiponenses. Edição da
Câmara Municipal de Lisboa

ACÇÃO CULTURAL DO GRUPO «AMIGOS DE LISBOA DURANTE O ANO DE 1939

SECÇÃO DE ESTUDOS CULTURAIS E DE PROPAGANDA



VISITAS DE ESTUDO

- 22 de Janeiro — Ao edificio dos Paulistas, na Calçada do Combro, dirigida pelo sr. Norberto de Araújo.
- 12 de Março — A' Sè de Lisboa dirigida pelo sr. arquitecto António Couto.
- 23 de Abril — Ao edificio do antigo convento da Madre de Deus dirigida pelo sr. Mário de Sampayo Ribeiro.
- 14 de Maio — Ao edificio da Assembleia Nacional dirigida pelo académico sr. Joaquim Leitão.
- 18 de Junho — Ao Aqueduto das Aguas Livres dirigida pelo sr. Gustavo de Matos Sequeira.
- 29 de Outubro — A' igreja dos Mártires em comemoração do 792.º aniversário da Tomada de Lisboa aos Mouros, dirigida pelo sr. dr. Eduardo Neves.
- 12 de Novembro — A' Capela dos Castros e à Igreja de S. Domingos de Bemfica, dirigida por Alvaro de Lacerda, de colaboração com a Comissão do Infante D. Henrique da Sociedade de Geografia e os «Novos de Portugal» em comemoração do cêrco de Diu.
- 10 de Dezembro — A' Igreja Paroquial de S. Bartolomeu (erecta no extinto convento do Grilo), ao antigo Recolhimento de Nossa Senhora do Amparo instalado no mesmo edificio e aos restos da antiga paroquial da mesma freguesia no visinho e antigo convento do Beato António, dirigida por António Ribeiro da Silva e Sousa (Sidónio Miguel).

PASSEIO NO TEJO

- 6 de Agosto — Passeio no Tejo durante o qual falaram Gustavo de Maros Sequeira, Eduardo Neves, António Ribeiro da Silva e Sousa (Sidónio Miguel), Luiz Pastor de Macedo e Mário de Sampayo Ribeiro, que se ocuparam da história do Tejo e da sua margem norte desde os Olivais até Algés e architecto Continelli Telmo que explicou o que será a grande Exposição do Mundo Português.

CONFERÊNCIAS AO AR LIVRE

- 9 de Julho — Por Luiz Pastor de Macedo, no Largo do Marquês do Lavradio sob o tema : *A Freguesia da Sé em 1755*.
16 de Julho — Por António Ribeiro da Silva e Sousa (Sidónio Miguel), no jardim em frente do Tribunal Militar, sob o tema : *O Campo de Santa Clara*.
23 de Julho — Por Norberto de Araújo, na rua das Trinas, em frente à travessa da Bela Vista, sob o tema : *O Mocambo e a Madragoa*.

EDIÇÕES DO GRUPO

- «Olisipo» n.º 5, 6, 7 e 8.
«Lisboa de Outrora», 3.º V. por Pinto de Carvalho (Tinop).
«Lisboa no Folclore» por Luiz Chaves.
«A Faculdade de Medicina de Lisboa» pelo dr. Eduardo Neves.
«A Igreja e o Convento de Nossa Senhora da Graça de Lisboa» por Mario de Sampayo Ribeiro.
«Como o artista lisboeta Alfredo de Andrade, então jôvem, encarava alguns problemas da *Edilicia* cidadina em 1857» por Rui de Andrade.
«A Igreja e o sitio de Santo Estevam de Alfama» por António Ribeiro da Silva e Sousa (Sidónio Miguel).
«Casas onde em Lisboa residiu Almeida Garrett» por Henrique de Campos Ferreira Lima.
«Olisipo», Berço do Periodismo Português» pelo dr. Alfredo da Cunha.

Com a próxima numero distri-
buem-se os indices da 1.º e
da 2.º ano de «OLISIPO»

OBRAS OFERECIDAS PARA A BIBLIOTECA DO GRUPO
«AMIGOS DE LISBOA»
PELOS SEGUINTESENHORES E ENTIDADES:

(Continuação)

COMISSARIADO DO DESEMPREGO

N.º 659/1089 — *Boletim do Comissariado do Desemprego n.º 18 e 19* (1938).

AUGUSTO DA CUNHA

- » 660/675/683/817/857/8/982/1037/1058/1076 — *O Mundo Português n.ºs 58 a 68*, pelo Director (Augusto da Cunha).

SEMINÁRIO DE ALMADA

- » 666/681/795/843/59/1008/1038/1054 — *Clamor Pauli, n.º 18, 19, 20, 22, 23, 24*, (1939).

SALVADOR SÁ NOGUEIRA

- » 668 — *Porto de Lisboa*, pelo oferente (1934).
- » 669 — *Cinquentenário da Inauguração das Obras da 1.ª secção — Porto de Lisboa feita em 31/X/1887, com a presença do Rei D. Luiz I*, pelo oferente.

CAMPOS COELHO

- » 670 — *A Verdade do 411*, pelo oferente (1938).

GASPAR MARIA LEAL GOMES PEREIRA CABRAL

- » 671 — *BROTÉRIA — Revista Contemporânea de Cultura*, fas. 6 (1938).

GRÉMIO DOS LISBOETAS

- » 672/75 — «*Grémio dos Lisboaetas*» (1938).

SECRETARIADO DA PROPAGANDA NACIONAL

N.ºs 684/85 — *Portugal* (1938).

- » 840/41 — *El Estado Nuevo Portugués*, princípios e realizaciones.
- » 1062/68 — *Professor Oliveira Salazar* — Record —, por Tomaz W. Fernandes.

RAMIRO BARROS E SILVA

- » 665/4/A/B/688/788/816/820/842/851/878/925/967/98/1042/1056/1067/1068/1084 — *Imprensa Médica*, n.ºs 21, 22, e 23 (1938), 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14 e 15 (1939).
- » 694/95/96/97/98/99/785 — *Médicos Portugêses*, n.ºs 1, 2, 3, 4 e 5 (1925) n.ºs 1 a 18 (1935), 1 a 24 (1936), 1 a 24 (1937), 1 a 22 (1938).

J. S. VIEIRA

- » 786 — *O Convento de Nossa Senhora dos Remédios*, (1939).

ANACLETO BERNARDINO DE MIRANDA

- » 789/920/1061 — *Acção Médica*, XI, XII, XIII (1939).

FRANCISCO CÂNCIO

- » 805/4/45/49/50/879/80/971/2/3/4/1046/47/1064/65/1078/79/1081/82 — *Aspectos de Lisboa no Século XIX*, pelo oferente (1939).
- » 821/22/836/844/861/910/984/1035/1048/1066/1080 — *Ribatejo Histórico e Monumental*, pelo oferente.

ENFERMEIRO-MOR DOS HOSPITAIS CÍVIS DE LISBOA

- » 806/7/8/9/10/11/12/13/14/15 — *Boletim Clínico e de Estatística dos Hospitais Cívis de Lisboa* n.ºs 1 a 15 (1937/38).

SIDÓNIO MIGUEL

- » 847 — *Ronda e Silva de Lisboa Velha*, pelo oferente (1938).

COMISSÃO EXECUTIVA DOS CENTENÁRIOS

- » 848/895/1003/1036/1059/1077 — *Revista dos Centenários*, n.ºs 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7.

CAMARA MUNICIPAL DO FUNCHAL

- » 860 — *Arquivo Histórico da Madeira*, fas. I.

SIMÕES COSTA

- » 862/63/64 — *Teatro de Camilo*, I, II, III, por Camilo Castelo Branco.

- N.ºs 865 — *Cartas de Camilo*, por Camilo Castelo Branco.
 » 866 — *Seide «Reprodução do Autografo», original duma poesia de Camilo Castelo Branco, n.º 31*, por Camilo Castelo Branco.

EDUARDO DE FARIA

- » 867 — *Auto das Três Almas*, pelo oferente, (1929)
 » 868 — *Postais da Madeira*, pelo oferente.
 » 869 — *Expedicionárias*, pelo oferente, (1931).
 » 870 — *E quando a Guerra acabou*, pelo oferente, (1932).
 » 871 — *Heróis e seus Fantasmas*, pelo oferente, (1934).
 » 872 — *Eramos três irmãos*, pelo oferente, (1936).
 » 873 — *A grande incógnita «A espionagem e a Guerra daqui a trinta anos»*, pelo oferente, (1932).
 » 874 — *Os que ganharam com a Guerra*, pelo oferente, (1935).

ATENEU COMERCIAL DE LISBOA

- » 877/893/964/970/1055/1069 — *Boletim Oficial do Ateneu Comercial de Lisboa, n.ºs 36, 37, 38, 39, 40, 41* (1939).

SOCIEDADE A VOZ DO OPERÁRIO

- » 881/1009 — *Relatório e contas e Parecer do Conselho Fiscal*, Gerência (1938).

JAIME LOPES DIAS

- » 897 — *Pelourinhos e fôrças do Distrito de Castelo Branco*, pelo oferente.
 » 898 — *A Beira Baixa*, pelo oferente (1935).
 » 899 — *Memorial, V Congresso Beirão*, pelo oferente.
 » 900/1/2/5/4 — *Etnografia da Beira, «Lendas e romance, costumes, tradições, crenças, etc.»*, vols. 1 a 5, pelo oferente.
 » 905 — *IV Congresso e Exposição das Beiras*, pelo oferente (1931).

JOAQUIM GOMES ABREU

- » 906 — *Pensamentos de Camilo*, por Nuno Catarino Cardoso.
 » 907 — *Catálogo da Exposição de Pintura*, por J. J. de Sousa Pinto.
 » 908 — *Viagem de Sua Magestade El-Rei o Senhor Dom Fernando a Marrocos*, por José Daniel Colaço.
 » 909 — *Monumentos Nacionais*, (1900).

RUY DE ANDRADE

- » 911/12 — *Como o artista lisboeta Alfredo de Andrade, então jovem, encarava alguns problemas de Edilícia cidadã em 1857* (1939).

ROBERTO DIAS COSTA

- » 935 — *A Paróquia de S. Jorge da cidade de Lisboa*, pelo oferente.

JOÃO CABRAL DO NASCIMENTO

- N.^{os} 986/1000 — *Arquivo Histórico da Madeira, fas. 1, 2, 3, 4, 5, 6*, pelo oferente.
» 1007 — *Documentos para a História das Capitânicas da Madeira*, pelo oferente (1950).
» 1050 — *Poesias escolhidas*, pelo oferente (1956).
» 1070 — *Genealogia da Família Medina da Ilha da Madeira*, pelo oferente.
» 1071 — *Descaminho*, pelo oferente.

ARAÚJO CORREIA

- » 1001 — *Grã-Bretanha, na Paz e na Guerra*, pelo oferente.
» 1002 — *Realidade e Aspiração de Portugal Contemporâneo*, pelo oferente, (1958).

A. VIEIRA DA SILVA E LUIZ PASTOR DE MACÊDO

- » 1034 — *Sumario de Cristovão Rodrigues de Oliveira*.

JOÃO MARIA FERREIRA

- » 1010 — *Príncipe de Martírio*, pelo oferente (1939).
» 1011 — *XIX Natura*, pelo oferente (1950).
» 1012 — *Oasis*, pelo oferente (1912).
» 1013 — *Amôr*, pelo oferente (1915).
» 1014 — *Cantigas*, pelo oferente (1924).
» 1015 — *Florilégio*, pelo oferente (1925).
» 1016/28 — *Da vida — I, II*, pelo oferente (1934 e 1938).
» 1017 — *Crónicas e notas de viagem que João Maria Ferreira escreveu para o «Comércio do Pôrto» no Ano da Graça de Deus de 1924/25*, pelo oferente.

(Continua)

OCIDENTE

REVISTA PORTUGUESA

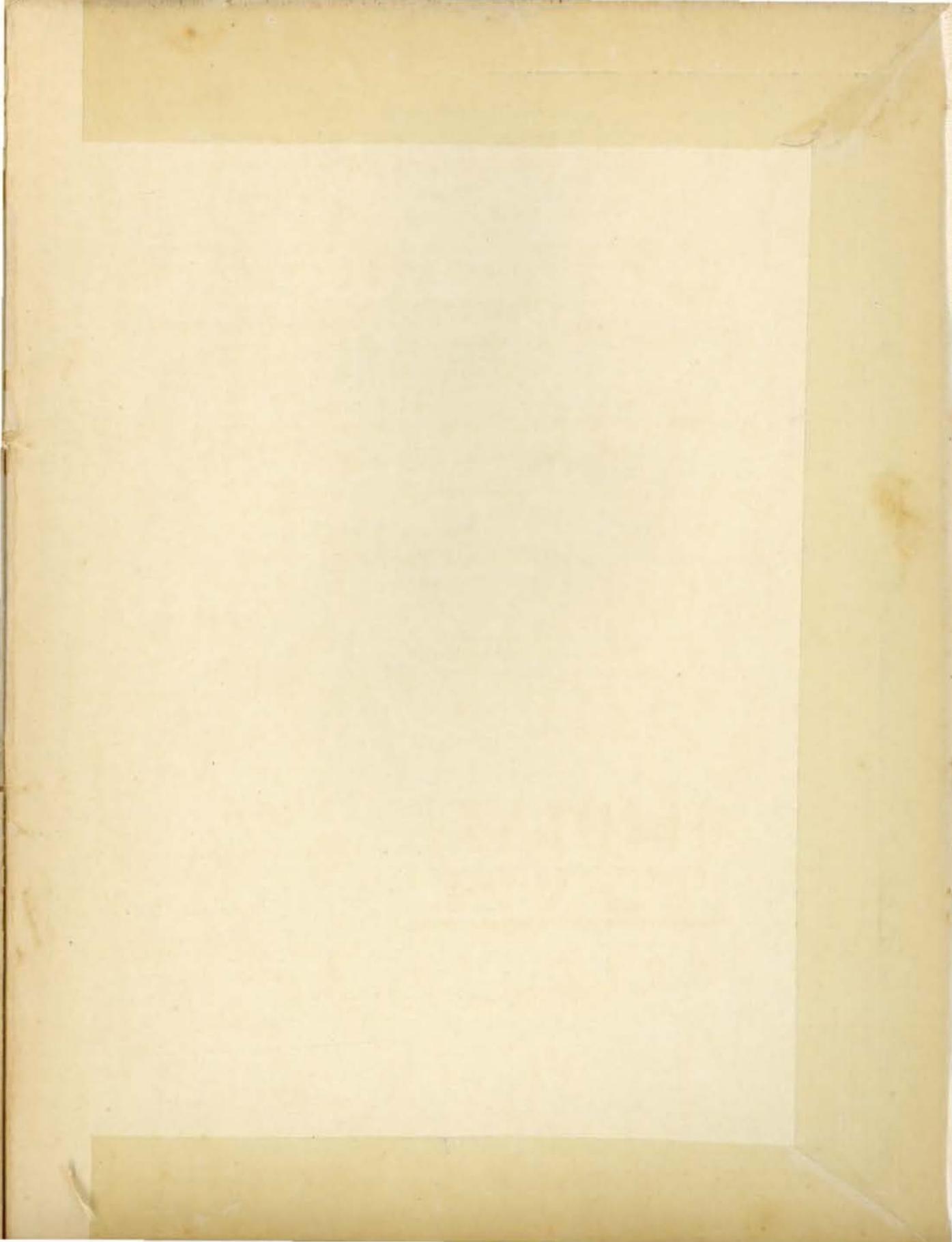
Directores: Manuel Murias e Alvaro Pinto

R. DO SALITRE, 155-1.^o
— LISBOA-PORTUGAL

PORTUGAL, 115\$00 — COLÓNIAS PORTUGUESAS, 125\$00 — BRASIL, 120\$000 —
ESTRANGEIRO, £ 1-8-0 ou 7 dollars

///
Assinatura: Ano com direito
aos números especiais

///



AMIGOS // DE // LISBOA

EDIÇÕES DO GRUPO
E CONSIGNADAS

<i>Edições do Grupo, limitadas e algumas quasi esgotadas</i>	Preço de venda para os sócios	Preço de venda para o público
Noite de Evocação do Café Martinho	5\$00	7\$50
Noite de Evocação do Leão de Outro	5\$00	7\$50
● NORBERTO DE ARAÚJO ●		
Pequena Monografia de S. Vicente.		
Edição vulgar	6\$00	8\$00
Edição especial	12\$00	20\$00
~		
Urbanização de Lisboa	2\$00	3\$00
● LUIZ MOITA ●		
Ermida de Santo Amaro	7\$50	9\$50
● EDUARDO NEVES ●		
Ruínas do Carmo	2\$00	3\$00
Igreja da Penha de França	2\$00	3\$00
A Faculdade de Medicina	4\$00	5\$00
● MARIO DE SAMPAYO RIBEIRO ●		
Igreja da Conceição Velha	2\$00	3\$00
À Igreja e o Convento da Graça	5\$00	7\$50
● ANTÓNIO RIBEIRO DA SILVA E SOUSA ● (SIDÓNIO MIGUEL)		
A Igreja e o sítio de Santo Estêvão	4\$00	5\$00
● LUIZ CHAVES ●		
Lisboa no Folclore	4\$00	5\$00
● RUY DE ANDRADE ●		
Alfredo de Andrade e alguns problemas de <i>edicta</i> cidadina	4\$00	5\$00
● JOÃO PINTO DE CARVALHO ● (TINOP)		
Lisboa de outrora, 1.º, 2.º e 3.º vols., cada	7\$00	8\$00
~		
Olisipo, n.ºs 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 9.	5\$00	7\$50
● HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA ●		
Casas onde, em Lisboa, residiu Almeida Garrett	4\$00	5\$00
● ALFREDO DA CUNHA ●		
«Olisipo» Berço do Periodismo Português	4\$00	5\$00
<i>Edições consignadas</i>		
● LUIZ PASTOR DE MACEDO ●		
A Baixa Pombalina	6\$00	7\$50
A Rua das Canastras	6\$50	8\$50
Crítica, Correções e Aditamentos, à obra «Lisboa do meu tempo e do passado — do Rossio à Rotunda», do Sr. João Paulo Freire (Mário)	9\$00	10\$00
● NORBERTO DE ARAÚJO ●		
Peregrinações em Lisboa, n.ºs 1 a 15, cada	7\$00	8\$00
● JOSÉ PERRY DE SOUSA GOMES ●		
Lisboa — da sua vida e da sua beleza	6\$40	8\$00
● ANTÓNIO RIBEIRO DA SILVA E SOUSA ● (SIDÓNIO MIGUEL)		
Ronda e Silva de Lisboa Velha	8\$00	10\$00
● J. S. VIEIRA ●		
O Convento dos Marianos	4\$00	5\$00
● FRANCISCO CÂNCIO ●		
Aspectos de Lisboa no século XIX — fasc. I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X, XI, XII e XIII, cada	6\$40	8\$00
● ALBERTO MEYRELLES ●		
Lisboa Ocidental	8\$00	10\$00
e todas as edições culturais da Câmara Municipal de Lisboa.		